

Caso de Hoje

O mundo seria mais pacífico se não houvesse religião? Religião e guerra são dois temas que muitas vezes se cruzam. Desde as Cruzadas em 1095 até hoje em dia, vimos inúmeros conflitos travados em nome da fé. Muitos acreditam que as guerras não explodiriam se não houvesse a religião, outros acreditam que a fé é, na realidade, uma grande promotora da paz, e para outros a guerra e a religião não podem se separar. Será que a religião é causa de violência?

A religião é causa de violência?

Raúl Esperante

Raras vezes a religião ensina o uso da violência para promover a mensagem, embora alguns defensores extremos de uma religião possam ceder à violência como meio para a sua propagação ou justificação. Nós, como cristãos, devemos ser os primeiros a reconhecer isso.

Há alguns meses, enquanto visitava um famoso parque geológico, iniciei uma conversa com o guia turístico dizendo a ele que eu era cristão. Ele admitiu que cresceu como cristão devotado, mas que mais tarde em sua vida definiu que Deus ou não existe, ou não se importa. A religião promove a violência, disse ele. Portanto, ele não acredita que a religião seja algo bom, e assim rejeitou Deus, optando pelo ateísmo.

Meu guia turístico não está sozinho. Foi-se o tempo em que, por centenas de anos, a religião era vista como a principal solução para os problemas mais profundos da humanidade, e os fiéis se refugiavam na fé em busca de conforto íntimo, paz social e mantinha um sentimento de dependência de Deus para experimentar o significado e relevância na vida. Hoje, a ideia bastante difundida de que a religião promove a violência causa divisão na sociedade, aumenta cada vez mais a tendência de rejeitar conscientemente a religião ou, por conveniência, optar por não ser religioso. Revistas, periódicos e jornais populares aderem abertamente a essa ideia e promovem o ateísmo ou o agnosticismo, permanecendo sem compromisso com questões de fé.

Essas percepções negativas ou neutras sobre religião são bastante comuns no meio acadêmico e também onde se esperaria clareza quanto às ideias religiosas.

Várias razões contribuem para tais percepções negativas sobre religião. O ataque contra a ela surge basicamente dos defensores do chamado “novo ateísmo”, que não somente questiona a existência de Deus, mas também estimula a ideia de que as pessoas não necessitam de religião para viver uma vida com propósito.

Os fundamentos do novo ateísmo são encontrados nos escritos de autores contemporâneos como Sam Harris, Christopher Hitchens, Daniel Dennett e Richard Dawkins. Esses e outros autores similares não veem a religião como algo que contribua positivamente para a vida humana e a felicidade; ao contrário, eles veem a religião como o problema e julgam a sua prática como sendo a responsável por muitos males sociais, como a violência, o terrorismo, a intolerância, o fanatismo, etc.

De que maneira devemos considerar tais alegações que argumentam ser a religião uma fonte de violência?

O argumento comum por traz dessa posição pode ser assim resumido: a religião gera violência, a religião é anticientífica, a moralidade bíblica é aterrorizante e incita a violência, o evangelismo e as tentativas de conversão (especialmente à religião bíblica) propiciam a intolerância e o fanatismo; a religião leva seus fiéis a imporem a moralidade aos outros, etc. O argumento parece contraintuitivo porque, tradicionalmente, a religião tem sido associada à paz; portanto, assim, muitas pessoas religiosas ficam surpresas quando os outros ligam sua fé à violência. Mesmo assim, o neo-ateísmo tem obtido êxito ao espalhar a ideia de que a religião tende a promover a violência.

Uma acusação como essa, contra a religião, pode ser verdadeira? Ou a causa real pode estar em outro lugar? Tenho notado que os desafiadores da religião não conseguem distinguir entre os *extremistas* de uma determinada religião e os adeptos normais dessa religião.

O extremista está presente em todos os grupos sociais – sejam eles religiosos, raciais, políticos ou mesmo nos esportes. Geralmente, esses grupos são formados por uma maioria pacífica (os adeptos normais) e por uma minoria de extremistas. Os fãs dos esportes são um bom exemplo para ilustrar essa dupla composição: a maioria deles gosta de acompanhar e torcer por seu time, mas alguns são os extremistas que ocasionalmente se comportam de maneira violenta e destrutiva. A posição de Paul Chamberlain é bastante apropriada: “Sempre que tomamos sobre nós a responsabilidade de descrever e avaliar os ensinamentos de um grupo que não seja o nosso, devemos fazê-lo com muito cuidado para não darmos a importância indevida às vozes dos extremistas dentro desse grupo. Se falharmos aqui, vamos correr o risco de retratar uma visão minoritária extrema, que é rejeitada pela maior parte dos membros do grupo como se fosse o sistema de crenças dos seus adeptos normais.”¹

Assim, uma das razões pelas quais os ateus alegam que a religião desencadeia a violência é que eles ignoram a diferença entre os adeptos genuínos da fé e os extremistas que distorcem as mensagens religiosas. Os extremistas não representam a religião genuína, e o retrato que fazem da religião é impreciso e falso. Isso é verdade tanto nas culturas cristãs como em outras culturas. Pode ser verdade

que aqueles que aderem a uma religião venham a ceder aos atos de violência, mas essa violência não faz parte do sistema de crenças dessa religião. Raras vezes a religião ensina o uso da violência para promover a mensagem, embora alguns defensores extremos de uma religião possam ceder à violência como meio para a sua propagação ou justificação. Nós, como cristãos, devemos ser os primeiros a reconhecer isso; afinal, a história cristã tem suas cruzadas e outras formas de abuso. A questão, no entanto, é se a religião é ruim e deveria ser banida (conforme alguns ateus afirmam), pois *alguns* religiosos extremistas misturam a violência com motivações e fins religiosos. A questão fica sem sentido se voltarmos e fizermos a pergunta: Os esportes devem ser proibidos por causa da violência que eles podem promover?

PERGUNTAS PARA O CÉTICO

Seguindo a sugestão de Chamberlain², tenho que fazer algumas perguntas para o cético: Você pode citar exemplos de guerras e violência geradas pela religião? A religião ou o abuso da religião são causas de violência?

A religião cristã genuína não tem sido uma influência positiva nas várias culturas humanas? Não é verdade que a *falta de religião e o ateísmo* têm ocasionado grande violência e crueldade? A violência e a coerção na sociedade acabariam se a religião fosse erradicada? Essas perguntas são bastante relevantes. Quando faço essas perguntas às pessoas que atacam a minha fé, elas percebem que nunca pararam para pensar nesses pontos.

Voltando ao meu guia turístico. Quando ele afirmou que a religião era algo ruim porque causa violência, eu segui a estratégia de fazer mais perguntas e lhe disse: “Por favor, dê exemplos de guerras desencadeadas pela religião.” Minha experiência com os ateus revela que a maioria deles não consegue dar exemplos que apoiem tais afirmações. O guia hesitou por alguns momentos e então veio com a primeira e a segunda guerras mundiais. Mas nós sabemos que essas duas guerras não foram causadas por ideologias religiosas. Esse exemplo ilustra as dificuldades que os céticos têm em sustentar seus argumentos. Alguns podem apontar para as Cruzadas (dos séculos 11 ao 13), as séries de expedições militares que foram organizadas pelos cristãos europeus para invadir o Oriente Médio, em nome de uma guerra santa, para recuperar a Terra Santa que estava nas mãos dos muçulmanos, levando muitos à morte e destruição em todos os continentes. Não foi isso uma violência em nome da religião? Se as cruzadas geraram violência entre os seguidores de duas religiões, o que dizer da Inquisição, um tribunal eclesiástico estabelecido pela Igreja Católica a partir do século 13 para organizar procedimentos e perseguições, a fim de acabar com a heresia na igreja? E então, poderíamos dizer que o contínuo conflito que existe entre Israel e a Palestina, resultando em anos de animosidade, lutas e destruição, seja uma questão religiosa ou devido a outros fatores?

Culminando todas as atividades terroristas, temos o ataque de 11/9 ao World Trade Center e ao Pentágono. Foi a religião a causa dessa cruel e desumana destruição?

Embora as respostas a essas perguntas não sejam fáceis, uma leitura superficial da história mostrará que a falta de religião ou o banimento da religião em uma sociedade é mais provável que gere a violência e ferocidade desumanas. Leve em

consideração, por exemplo, a Revolução Bolchevista de 1917. Uma das primeiras coisas que a revolução fez foi abolir a religião e impor uma ideologia ateuista em toda a Rússia e USSR. Nenhum outro país antes havia adotado abolir a religião como política oficial, e essa política não foi abandonada até o final dos anos 1980. Durante esse longo período em que a Rússia baniou a religião oficialmente, houve ausência de violência e prevalência de paz social? O veredito da história é um enfático “Não”! Na verdade, durante esse período de várias décadas, a brutalidade, violência, prisões em massa, perseguição (lembra-se dos *gulags*?) e agressões cruéis foram infligidas sobre pessoas religiosas e não religiosas com o objetivo de promover o programa do regime ateu e comunista. Milhares foram mortos em virtude de sua fé religiosa, inclusive dezenas de milhares de padres ortodoxos russos, monges, freiras e pastores de muitas denominações protestantes, todos inocentes e pacíficos. Muitos outros foram enviados para trabalhos forçados e morreram em campos de concentração na Sibéria. Centenas de igrejas foram destruídas ou simplesmente usadas para outros fins. A agenda ateuista, com o objetivo de eliminar a religião no estado, provocou uma horrenda e indescritível violência.

Da mesma forma, na China, a partir de 1949, os governantes quiseram abolir a religião e visavam à desativação do cristianismo, do budismo, do islamismo e de outras religiões. O comunismo se tornou a única ideologia permitida, e aqueles que se opunham ou se recusavam a adotá-lo eram chamados de contrarrevolucionários, tornando-se vítimas da opressão. O clero foi preso, e as igrejas e outros locais de culto foram fechados na tentativa de eliminar qualquer prática religiosa.

Outros países, como o Vietnã, a Romênia, a Coreia do Norte e o Camboja também tiveram um retrocesso na política do estado ao eliminar a religião e as pessoas religiosas. A análise da iniciativa e do propósito dessas políticas e práticas indica que a religião não foi a causa dessa violência. Ao contrário, foi a falta de religião o fator motivador por trás da agressão. Esse fato levanta outra questão: Será possível que a falta de religião seja um perigo real em nosso mundo? Será que o afastamento da crença em Deus é a causa real da violência?

A VIOLÊNCIA DECORRENTE DA FALTA DE RELIGIÃO

A história confirma que houve mais atos brutais em países que aboliram a religião e introduziram sistematicamente uma filosofia ateuista para governar a política da sociedade. A brutalidade causada por pessoas não religiosas é tão evidente e generalizada que mesmo os novos ateus a reconhecem. Richard Dawkins, o famoso ateu sincero, concorda. Ele diz que pessoas não religiosas também cometem atos de violência e crimes, mas afirma que não há um caminho lógico da não religiosidade para a violência e, portanto, a falta de religião não é a causa da violência em si. O fato é que apenas alguns atos de violência foram causados por pessoas que por acaso não são religiosas, mas que a falta de religião não é a motivação para agir com violência. “O que importa não é se Hitler e Stálin eram ateus, mas se o ateísmo influencia sistematicamente as pessoas a fazerem coisas ruins. Não há a menor evidência de que isso acontece. [...] Stálin foi contundente a respeito da Igreja Ortodoxa Russa e também quanto ao cristianismo e a religião de forma geral. Entretanto, não há evidência de que o ateísmo motivou a sua brutalidade.

Indivíduos ateus podem fazer coisas más, mas eles não fazem coisas más em nome do ateísmo.”³

É surpreendente que Dawkins tenha feito tais afirmações. Primeiro, o mesmo argumento pode ser usado para defender a religião: algumas pessoas religiosas causam alguns atos de violência, mas a própria religião não é caminho para a violência. Em segundo lugar, conforme temos visto, a história mostra que a falta de religião tem causado muito mais violência e destruição que a religião.

Terceiro, Dawkins admite que pessoas não religiosas se envolvem em casos de violência, mas nega que o ateísmo tenha algo a ver. Ao admitir isso, Dawkins está, na verdade, reconhecendo que grande parte da violência tem sido infligida por pessoas *sem* uma agenda religiosa. Implicitamente, isso significa que não há esperança de acabar com a violência eliminando a religião, pois a falta de religião não necessariamente age contra a violência. Aliás, pode-se argumentar que a ausência de religião remove a possível barreira contra a violência.

Parece que nem a religião, nem a falta de religião são a origem da violência no mundo, porque a brutalidade acontece na sociedade independentemente de a sociedade ser religiosa ou ateu. Parece que a verdadeira causa da violência é mais profunda. Stalin, Mao, Hitler e outros mataram e aprisionaram pessoas religiosas, tal-vez porque acreditassem que a religião era perigosa para a ideologia ateu que eles estavam procurando impor.

MOTIVAÇÕES CULTURAIS E POLÍTICAS

Estudos sociológicos revelam que atos violentos que parecem ser motivados por ideias religiosas, muitas vezes têm estímulos políticos mais profundos. Por exemplo, ataques terroristas feitos por certos grupos são em sua maior parte vistos como sendo motivados por sua teologia radical.

Entretanto, alguns estudiosos discordam. Segundo Robert Pape, um cientista político da Universidade de Chicago e fundador do “Chicago Project on Security and Terrorism”, esse ponto de vista é muito simplista. Pape e seus colegas estudaram as formas de motivação e causas dos ataques terroristas/suicidas no mundo, desde 1980, analisando mais de 4.600 desses ataques. Sua pesquisa mostra que a crença religiosa não é *necessária* nem *suficiente* para motivar a violência. A motivação fundamental é a política, sendo a religião o instrumento para recrutar seguidores⁴. Pape mostra que houve centenas de ataques suicidas seculares, o que sugere que a teologia radical apenas não explica os ataques terroristas. Por exemplo, de 1980 até 2003, o “líder mundial” em ataques suicidas foi o grupo nacionalista Tamil Tigers, centralizado no idioma, no Sri Lanka, que lutava pelo que considerava serem seus direitos legítimos, negados pela maioria do país.⁵ Quer concordemos ou não com a análise de Pape, uma coisa está clara: motivações políticas fortíssimas estão por trás de muitos atos da chamada violência religiosa em nosso mundo.

Outros estudos indicam que existem, por trás de muitos casos de violência em larga escala, ameaças à herança e aos valores culturais, e ameaças ou insultos ao sistema de crenças de cada um. Por exemplo, Osama bin Laden (1957-2011), em um vídeo gravado em outubro de 2001, praticamente um mês depois dos ataques de 11/9,

falou da “humilhação e desgraça” que o Islã sofreu por mais de “oitenta anos”.⁶ A que ele estava se referindo? Estava se referindo à divisão do Império Otomano em pequenos países, feita por potências ocidentais, e à ascensão da moderna Turquia secularizada. Indiretamente, ele reconheceu que a principal motivação por trás dos ataques de 11/9 foi política e não simplesmente religiosa.

A Revolução Francesa (1789-1815) foi uma iniciativa sangrenta para promover os ideais seculares da liberdade e igualdade. Napoleão usou esses ideais para motivar milhões de soldados a imporem o domínio francês sobre o continente europeu. Pelo menos quatro milhões de pessoas morreram por causa desse fanatismo político que movia as guerras napoleônicas. Não havia nenhuma religião envolvida, na verdade, a religião foi declarada morta. O genocídio de Ruanda, que em 100 dias, no ano de 1994, varreu entre 500 mil e um milhão de pessoas é outro exemplo de guerra derivada de confrontos *tribais* que pouco tinham a ver com ideais religiosos.

CONCLUSÃO

Essas amostras da história ilustram um ponto significativo: não há causas simples para a violência no mundo. As forças que ficam ocultas por trás de muitos atos de violência são múltiplas – com destaque para os pontos de vista particulares, políticos e culturais. Isso explica por que a violência é praticada por pessoas religiosas e não religiosas, e explica também o fato de que, quando acontece a violência religiosa, ela é condenada pela grande maioria das pessoas religiosas. Em minhas visitas aos países islâmicos, tenho ouvido com frequência a condenação dos atos violentos perpetrados pelos extremistas. Os cidadãos comuns não compartilham dos motivos, dos objetivos e atos extremistas.

Aquilo que é chamado de violência religiosa pode, na verdade, ter pouco a ver com religião e mais a ver com questões políticas, econômicas e culturais. A religião não é a principal causa da violência e, portanto, a esperança de acabar com a violência, banindo a religião, é falsa.

Tanto pessoas religiosas como não religiosas cometem atos de violência. É ingenuidade pensar que se livrar da religião acabará com a violência. Temos visto a violência surgir de grupos que defendem os ideais da etnia, da língua, da nacionalidade, da cor da pele e de vários pontos de vista políticos. A afirmação do ateu de que a religião é a fonte do mal e da violência no mundo não é sustentada à luz da evidência histórica. É verdade, alguns atos de violência derivam da religião, mas um grande número provém da falta de religião. Algo mais profundo que a religião acha-se no centro do problema da violência.

Salomão escreveu, há muito tempo: “Não tenha inveja de quem é violento nem adote nenhum dos seus procedimentos” (Provérbios 3:31). O Deus da Bíblia odeia “ao que ama a violência” (Salmo 11:5 – ARA).

Jesus repreendeu Pedro quando ele tirou a espada e lhe disse: “Embainha a tua espada” (Mateus 26:52). Jesus nos deixou a parábola do Bom Samaritano para nos ensinar o que devemos fazer quando nos deparamos com os que estão feridos e os que estão morrendo. Ele também nos ensinou que: “Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra” (Mateus 5:39).

Ele finalmente morreu em uma cruz, em vez de lutar contra o inimigo e aqueles que O acusaram falsamente.

A maneira de Jesus agir é de paz, não de violência. A religião de Jesus é uma religião de amor. Esse amor “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Coríntios 13:7).

Raúl Esperante PhD pela Universidade de Loma Linda, é cientista pesquisador no Geoscience Research Institute, Loma Linda, Califórnia, EUA. Email: resperante@llu.edu

Citação Recomendada

Raúl Esperante, "A religião é causa de violência?," *Diálogo* 30:3 (2018): 20-23

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Paul Chamberlain, *Why People Don't Believe: Confronting Seven Challenges to Christian Faith* (Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 2011), p. 49.
2. Ibid., 52.
3. Richard Dawkins, *The God Delusion* (New York: Houghton Mifflin, 2006), p. 309.
4. Robert A. Pape, *Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism* (New York: Random House, 2005).
5. Robert Pape, entrevista na NPR Radio em 21 de maio de 2009.
<https://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=104391493>, Acessado em 3 de outubro de 2018.
6. O texto completo da declaração de Osama bin Laden, após os ataques terroristas em Nova Iorque, em 11 de setembro de 2001, é encontrado no endereço:
<https://www.theguardian.com/world/2001/oct/07/afghanistan.terrorism15>. Acessado em 3 de outubro de 2018.